

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

ZENILDES DE SOUZA OLIVEIRA SANTOS

**RELAÇÃO PROFESSOR –ALUNO: AFETIVIDADE UM
CAMINHO PARA APRENDIZAGEM**

UBERLÂNDIA – MG

2021

ZENILDES DE SOUZA OLIVEIRA SANTOS

**RELAÇÃO PROFESSOR –ALUNO: AFETIVIDADE UM CAMINHO
PARA APRENDIZAGEM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para conclusão do
curso de Pedagogia, modalidade a distância
da Universidade Federal de Uberlândia.

Polo: Uberlândia

Prof^ª. Dr^ª. Iara Maria Mora Longhini

UBERLÂNDIA – MG

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela conquista e sonho realizado.

Obrigada a todos que estiveram comigo nesta jornada: a minha mãe com suas palavras de apoio, mesmo à distância; meu esposo Geraldo que cedeu um espaço da nossa vida familiar para que eu realizasse este sonho; a minha filha Gabrielle que também doou suas horas de brincadeiras e a minha amiga Cleuza e esposo Edson por ter dado um grande suporte e acolhimento nas suas vidas. Só foi possível chegar até aqui com a participação de todos. Sozinha o caminho seria muito estreito e com barreiras.

Meu carinho também vai para minha tutora Vanilda, que tanto me incentivou, e a Iara com seu jeito doce e brilhante.

**Sem um senso de identidade,
não pode haver luta real.
Paulo Freire**

RESUMO

O presente trabalho, desenvolvido para conclusão do curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, pela Faculdade de Educação, tem por objetivo apresentar estudos sobre afetividade na relação professor-aluno. Estes estudos foram realizados através de pesquisas bibliográficas cujo foco foi a prática pedagógica influenciada e relacionada com a afetividade no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental. Foram considerados a empatia e o acolhimento como afetos básicos nas interações sociais entre os atores centrais em desenvolvimento. Assim, surge a demanda de um cuidado maior em esclarecer e definir os aspectos afetivos preponderantes no decorrer do processo de escolarização dos anos iniciais do ensino fundamental, levando em consideração sentimentos, emoções, afinidades e preconceitos que compõem as diferentes relações que perpassam a vida de um sujeito-aprendiz desde a mais tenra idade. Como embasamento teórico, visitamos os trabalhos de Fernández, Freire, Vygotsky, Wallon, entre outros, os quais atentam quanto à importância da afetividade no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e do professor enquanto ator condutor desse movimento e atento à dinâmica afetiva compartilhada em aula. Conclui-se que na interação entre professor e aluno há um compartilhamento de saberes em diferentes contextos, sejam sociais ou culturais, sendo que a afetividade e a empatia criam um elo entre estes agentes, favorecendo um ambiente propício para a aprendizagem.

Palavras-chave: relação professor-aluno; autoestima; afetividade; aprendizagem.

ABSTRACT

This work, developed as the concluding step of the distance learning degree in Pedagogy at Faculdade de Educação of Universidade Federal de Uberlândia – UFU, aims at presenting studies on affection in the relation teacher-student. These studies were carried out through research of pedagogical practices based on the influence and connection of emotional relations in the development of the teaching and learning process in the first years of primary school, more specifically through bibliographical surveys, considering empathy and support as basic forms of affection in the social interactions between the protagonists in development. Thus, there arises a need for more careful clarification and definition of the emotional aspects which are preponderant in the course of the schooling process of the first years of primary school, taking into account feelings, emotions, affinities, and prejudices that make up the different relationships that occur in the life of a learning-subject from a very young age. For the theoretical bases, especial focus was given to the works of Fernandez, Freire, Vygotsky, Wallon, among others, who point to the importance of affection in the development of the teaching-learning process and to the teacher as the driving-actor of this movement, mindful of the affection dynamics shared in class. We came to the conclusion that, in the interaction between teacher and student, there is a sharing of knowledge in different contexts, be they social or cultural, and that affection and empathy forge a bond between these agents, creating an environment that encourages learning.

Key-words: teacher-student relations; self-esteem; affection; learning.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
2 – MEMORIAL	Erro! Indicador não definido.
3 - A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM	Erro! Indicador não definido.
3.1 - O SER-EU COMIGO E O SER SOCIAL	Erro! Indicador não definido.
3.2 - CONHECER-SE: BASE PARA A APRENDIZAGEM	Erro! Indicador não definido.
3.3 -VISÃO DE COMPLETUDE: EDUCAÇÃO HUMANIZADA	Erro! Indicador não definido.
4 - METODOLOGIA	Erro! Indicador não definido.
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
6 - REFERÊNCIAS	Erro! Indicador não definido.

1 - INTRODUÇÃO

Iniciamos esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com o presente memorial porque percebemos a necessidade de retornar ao passado e rememorar as influências afetivas da relação professor-aluno. Como a educação tem mudado, foi necessário fazer um inventário das nossas vivências, comparando e contrastando as alterações que notamos até os dias atuais. Assim, o presente trabalho aponta para diversas situações que acontecem durante o período letivo e que implicam o desenvolvimento do aprendiz, relações de sentimentos que podem atrapalhar ou ajudar no desenvolvimento da aula.

A afetividade no ambiente escolar tem sido importante para que a relação de aprendizagem aconteça de forma positiva. Este sentimento é pautado pelo respeito mútuo e, em consequência, norteia o aluno no processo do saber. Autores como Henri Wallon e Paulo Freire têm trabalhos de grande importância para os estudos sobre afetividade como um dos fatores primordiais no processo de desenvolvimento do ser-sujeito-pessoa, demonstrando também sua preponderância quanto à aprendizagem do aluno.

Quando se faz referência à afetividade, esta é considerada sob várias nuances, tais como empatia, acolhimento e a conseqüente escuta, entre outros afetos que devem existir na sala de aula para que o conhecimento seja afluído e desenvolvido de forma eficiente. Assim, ao se primar e manter o equilíbrio em um espaço de aprendizagem e intercâmbio de culturas diversas durante o ano letivo e uma convivência prazerosa, promove-se aprendizado e autoconhecimento. E esse abrir de leques de saberes, oriundos do cotidiano vivenciado pelos diferentes sujeitos-aprendizes, ajudam o professor a conhecer e se apropriar aos poucos da história de cada criança para a condução do processo de ensino-aprendizagem.

Outro momento importante para a conquista do conhecimento é o diálogo: através deste pode-se construir, conhecer e detectar opiniões e problemas comuns praticamente a todos os indivíduos; é estabelecido o companheirismo entre ambos, traduzindo-se, assim, numa melhor prática educativa e numa sólida aprendizagem.

A relação afetiva é notória na convivência entre os alunos e professores, um ponto importante que perpassa por nossos memoriais. O nível de carência de alguns alunos é enorme, sentimento que pode vir da vida em família. Entretanto, um olhar atento do professor pode fazer a diferença, dando visibilidade a essas crianças de modo a torná-las protagonistas do processo a partir de uma relação de empatia com o professor.

Wallon (1995) defende que o afeto é essencial para todo o funcionamento do corpo humano, dando motivação, interesse e contribuindo para o desenvolvimento. Para as crianças e adolescentes, o afeto é importantíssimo, pois eles precisam se sentir seguros para poder desenvolver seu aprendizado e todo seu crescimento. É necessário que o professor tenha consciência de como seus atos são extremamente significativos nesse processo, porque essa relação aluno-professor é permeada de afeto, e as emoções são estruturantes da inteligência do indivíduo.

Freire (1996) ratifica a importância desse acolhimento e dessa relação de empatia, ao dizer que:

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996, p. 96).

Desse modo, segundo reforça Silva e Navarro (2013 p. 47), a relação existente entre professor e aluno é um relacionamento que dá sentido ao processo educativo, uma vez que é no coletivo que os sujeitos elaboram conhecimentos. Por isso, o docente precisa refletir a todo momento sobre sua prática, fundamentando-se em uma base teórica e sólida.

Com base em levantamentos bibliográficos, este trabalho de pesquisa busca identificar nuances de afetividade recíproca e a sua influência na aprendizagem na educação infantil até os anos iniciais do ensino fundamental. Como isso é considerado, alimentado e desenvolvido com a prática docente do professor, já que é observada a necessidade de afetividade com empatia, acolhimento e respeito entre os atores do processo de ensino-aprendizagem, ou seja, professor e aluno. Essa interação professor-aluno é marcadamente determinante para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

E essa relação de empatia foi o que nos mobilizou para a elaboração de nossos memoriais, parte do TCC do nosso curso de Pedagogia. Cleuza e eu nos empenhamos em leituras diversas sobre o assunto. E, de modo autônomo, nós nos colocamos como protagonistas de nossa própria história de modo compartilhado no item 2 do texto, sendo as demais partes do corpo do trabalho uma realização em conjunto.

Analisando as influências da relação professor-aluno, tomamos por base as experiências vivenciadas por nós mesmas na educação básica, a partir das quais percebem-se mudanças significativas ao longo do tempo.

2 – MEMORIAL

Meu nome é Zenildes Oliveira, tenho 40 anos e sou da cidade de Morro do Chapéu, Bahia. Falarei um pouco sobre a minha vida escolar traçando alguns paralelos de como era a relação professor-aluno desde a minha infância até os dias de hoje.

Apesar de muitas dificuldades, posso dizer que fui feliz e tive momentos marcantes, sempre fui mais de escutar, a timidez era (e continua sendo) forte em mim, mas isto nunca impediu de aproveitar a minha infância. Meus pais, pessoas simples, não tinham dinheiro, mas foram capazes de deixar todos os sete filhos preparados para sobreviver no mundo.

O meu tempo era voltado para os estudos e o brincar, aproveitei bastante a fase, na época a casa era grande, quintal enorme, o espaço suficiente para correr com os amigos, jogar bola, subir nas árvores, mas tudo isto acontecia depois de realizar todas as tarefas da escola.

Na Bahia, aconteceram momentos maravilhosos e também difíceis, a minha educação foi o que os meus pais conseguiram me presentear, o ensino era público e precário, mas a escola era bem acolhedora. Meus seis irmãos e eu somos próximos em idade e todos estudamos ao mesmo tempo. Isto significava gastos a mais para os meus pais que não tinham condições de comprar material para todos. Então funcionava assim: tínhamos horários alternados para ir à escola, porque assim fazia-se a troca do material e passava-se o uniforme para o irmão que iria à escola no próximo turno.

Com tudo isso, ainda tenho lembranças saudosas do início dos meus estudos, a relação com o professor era diferenciada, o respeito, a atenção, estavam voltados para a aula, os alunos conseguiam ser mais participativos. Vem na recordação uma professora que ensinava com carinho e trocava muitos mimos com os alunos, esse diferencial agradava a todos, ela tirava um tempinho da vida dela para pensar nos alunos.

Era uma educação meio carente, sem material adequado, a escola era chamada de Centro Escolar, sem sede própria, quase não havia carteiras e mesas, era uma mesa grande que acomodava várias crianças ao mesmo tempo, tudo se resumia na sala, filtro, lanches e o local de brincadeiras, mas foi marcante pela professora e os colegas. O material que era

utilizado era a cartilha mais voltada para repetição, traçados e soletração, então a professora entregava o material e os alunos iam sendo conduzidos na própria mesa por ela. O ensino ainda não era preparado para a criança aprender a leitura interpretando, o foco mesmo era repetir as sílabas até que conseguisse juntar para chegar ao som da palavra.

Depois, fui encaminhada para o fundamental em um grupo escolar próximo a minha casa, a estrutura já diferenciada, salas, carteiras, uniforme e o professor, um pouco mais preparado, conseguia organizar as disciplinas durante a semana. Era uma escola mais organizada e estruturada para a época.

Por ser uma cidade pequena, o status de ser professor era orgulho para muitos. Tinha um problema relacionado à contratação de novos professores, a maioria era despreparada e aceitava ser professor por mera necessidade de ter um emprego, garantir o mínimo de sobrevivência durante aquele ano, pois no próximo já não seria mais possível. Isso era um problema porque nunca conseguia dar continuidade ao trabalho daquele ano, e o aluno não conseguia evoluir na aprendizagem. Passava-se de ano sem o devido conhecimento correspondente, sem saber interpretar e sem o mínimo de habilidades necessárias para o desenvolvimento intelectual.

Lembro dos relatos de amigos que tinham como professor uma pessoa da família que não chegou a concluir o fundamental e era convidado a dar aula. O município contratava a pessoa que tinha a série maior para ensinar os alunos, pela dificuldade de conseguir uma pessoa com formação profissional que tivesse o interesse de aceitar o cargo. Além desse problema, em uma única sala havia alunos de várias idades, tamanhos e séries.

Algumas escolas eram precárias, alguns alunos tinham que passar por vários obstáculos para estudar: muitas crianças precisavam se deslocar uma distância muito grande para chegar à escola, saíam cedo de casa, sem uma refeição adequada e necessária para o aprendizado, às vezes já sujos em consequência das estradas, tempo chuvoso. Tudo isso era um empecilho para o progresso, quando chegavam à escola o tempo de aula já havia passado bastante, a professora, infelizmente, não podia esperar para não prejudicar os demais, mas com o jeito cuidadoso ela passava a parte perdida de forma individual até o aluno acompanhar os demais.

A professora, sem muita experiência, precisava se desdobrar para passar dois a três conteúdos no mesmo turno, e ainda precisava manter a ordem, pois aqueles que tinham recebido o conteúdo primeiro acabavam antes e tinham tempo sobrando.

Todos os anos, quando o início das aulas estava próximo, uma turma de professores que havia conseguido uma sala de aula para trabalhar se reunia durante a semana pedagógica. Isso significava que durante aquele ano eles tinham um emprego, a empolgação e a felicidade ficavam transparentes por estar ali.

Na época, como a dificuldade era muita, os alunos e os pais valorizavam mais os estudos, era orgulho ter um filho na escola, era o maior tesouro que o pai podia dar. Existia a indisciplina, mas era de forma branda que com uma conversa com os pais se resolvia.

Outro ponto importante: a reprovação existia de verdade, era o maior medo do estudante ter que passar por uma recuperação, por receio de repetir de ano e receber o castigo em casa. Era o diferencial, com este apoio o professor conseguia equilibrar a indisciplina, ele tinha mais autonomia na aplicação de uma advertência e resolver diversas situações. Ele era visto com respeito e que estava ali para passar o conhecimento, que tinha o momento de brincadeiras e também o de estudar.

Quando fui para o fundamental I, a parte lúdica foi desaparecendo e cedendo o lugar para o caderno, escrita e leitura, a estrutura da sala de aula era diferente, colegas diferentes, tudo com o novo olhar. A escola era estruturada, diferente, nesta tinha professores, várias séries, diretor, cantina. Meu horário de estudar continuava à tarde, como a timidez seguia comigo não foi fácil me enturmar com os colegas, sentava no cantinho já escolhido pela professora e só saía para lanchar e se ela pedisse.

A escola até hoje existe, chama-se Dr. Reinaldo Moreira, próximo à casa da minha mãe, não tinha uma aparência voltada para educação dos anos iniciais, aspecto fechado sem parque e jardins.

Cheguei ao ensino médio, na época a formação geral era a oferta que tinha na cidade. Concluí os estudos e, como não tinha nenhuma expectativa de prestar um vestibular devido à falta de oferta, continuei estudando e iniciei o magistério, mas foi necessário interrompê-lo, pois vim para Monte Carmelo, Minas Gerais, onde me estabeleci.

Em seguida, fiz o curso de Letras, trabalhei em algumas escolas. A princípio não achei interessante, pois eram contratos temporários e não ofereciam segurança; por isso resolvi cursar Pedagogia, pois tenho uma pequena garota chamada Gabrielle cursando o fundamental I e, mesmo com o pouco tempo que tenho, me dedico a acompanhá-la nos estudos. Embora tenha enfrentado desafios no decorrer da trajetória, com o nascimento de minha filha, fiquei apaixonada pela educação infantil.

Com o curso de Pedagogia, fui surpreendida com o quanto este difere do curso de Letras: por mais que os dois tratem da área da educação, o processo de encaminhamentos é outro, um atende ao público infantil, o outro ao público começando a formar pensamento.

Fiquei realmente encantada pela educação infantil, pela habilidade a ser trabalhada, e como ensinar a criança com métodos lúdicos e ensino voltados para o desenvolvimento de forma prazerosa.

Diante disso observa-se como primordial falar da influência afetiva na relação professor-aluno como um dos fatores determinantes no processo de ensino-aprendizagem, considerando que no decorrer do processo de desenvolvimento pessoal da criança, esta precisa de estímulos e convivência com saberes compartilhados.

3 - A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Segundo Fernandez,

nós, humanos, aprendemos a partir de identificações com nossos ensinantes, e somente em um ambiente familiar, e depois, no escolar e social, que nos aceite como seres pensantes. Quero dizer, que permita e favoreça nossas perguntas, dê lugar à diferença, e, em síntese, que favoreça a autoria de pensamento. A inteligência se constrói, a atividade de pensamento se constrói, como também a atenção e a capacidade de se prestar atenção (FERNÁNDEZ, 2008a, p. 19).

De acordo com Gómez (2000), a relação entre professor-aluno deve ser empática, de forma que ambos os parceiros numa relação comunicativa desenvolvam a capacidade para ouvir e refletir sobre as questões que estão sendo abordadas por cada um dos interlocutores na comunicação. Isso possibilitará o desenvolvimento de uma maior interação e reciprocidade na comunicação e, portanto, um melhor ambiente de aprendizagem.

Assim, há a necessidade de uma participação integral das crianças nas aulas para um bom aproveitamento do processo. Isto se reflete através dos interesses, preocupações, desejos e vivências dos estudantes visando a construção e apropriação ativa de novos saberes de forma compartilhada.

E, para que o processo de ensino-aprendizagem se desenvolva bem, é de fundamental importância existir afetividade, empatia, confiança e respeito na relação professor-aluno. O professor como um formador de opinião deve observar com cuidado as interferências no desenvolvimento do processo. Visto assim,

é possível compreender que a relação professor-aluno, no processo de ensino-aprendizagem, depende do ambiente criado pelo professor, da relação que ele estabelece com os estudantes, da sua capacidade de ouvir, refletir e debater as questões e necessidades trazidas por eles, visando construir um caminho de acesso entre o conhecimento que ele detém e o conhecimento dos educandos (NUNES, 2017, p. 13).

Dentro deste contexto, é na abordagem com os alunos que se estabelece a convivência e fortalecimento de vínculos afetivos. Ou seja, é preciso compreender quem sou eu, transformando em equilíbrio as novas ideias e novos saberes de forma compartilhada.

Desse modo, observa-se que esse caminho para o conhecimento também se baseia na relação do eu com o outro, nos fatores determinantes da sociedade. Assim, pode-se falar de uma inter-relação da personalidade social e na convivência que se constitui nas relações com os colegas e professores.

Dessa forma, uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. [...] A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu (FREIRE, 2002, p. 41).

A seguir alguns teóricos como Wallon, Vygotsky, Freire, entre outros, descrevem sobre o homem enquanto ser social e o impacto disso em sua construção como pessoa.

3.1 - O SER-EU COMIGO E O SER SOCIAL

Para Wallon,

a afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano,

tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente. [...] A afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados. (WALLON, 1995, p. 288)

Daí a importância da atenção do docente para com a criança; segundo Wallon, é primordial o seu estímulo emocional, buscando promover o seu desenvolvimento intelectual, cognitivo e pessoal, visando o seu crescimento individual.

Segundo Leite (2012, p.361), ao se comparar as posições de Wallon e Vygotsky sobre a afetividade, percebe-se pontos comuns quanto aos aspectos essenciais do fenômeno em pauta: a) ambos assumem uma concepção desenvolvimentista sobre as manifestações emocionais: inicialmente orgânicas, vão ganhando complexidade na medida em que o indivíduo desenvolve-se na cultura, passando a atuar no universo simbólico, ampliando-se e complexificando-se suas formas de manifestação; b) assumem, pois, o caráter social da afetividade; c) e que a relação entre a afetividade e inteligência é fundante para o processo do desenvolvimento humano.

A empatia se apresenta como um canal de afetividade nas conexões com o processo de ensino-aprendizagem. Brolezzi reflete sobre isso utilizando uma boa metáfora:

[...]essas aberturas de janelas podem ser entendidas como momentos de empatia, de sintonia entre as pessoas, de um entrar no universo do outro, de troca de pensamentos [...] é um momento em que as pessoas estão mais sensíveis, para aprender, para ensinar, para perguntar. O clima, nessa hora, é afetivamente promissor. Nesse ambiente de aprendizagem para que a linguagem da empatia funcione são fundamentais liberdade, respeito, dar o tempo certo para cada aluno, o olhar atento sobre o nível de desenvolvimento e adequação dos procedimentos planejado e dispensado aos sujeitos do processo. (2014, p. 6)

Dessa forma, no contexto de empatia e compreensão, Freire (2015) reforça ainda que, nas relações humanas, é preciso considerar o interlocutor como sujeito, a fim de haja um diálogo genuíno, buscando constantemente conhecê-lo. Assim,

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer (...) conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito, e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer” (FREIRE, 2015, p. 28-29).

Segundo Rogers (1983), na obra *Liberdade para aprender*, o professor tem por objetivo permitir que seus alunos se tornem indivíduos funcionais e saudáveis, aberto a

novas experiências, capacidade de viver uma vida plena, ou seja, o aqui e agora, com confiança nos próprios desejos e intuições, com liberdade e responsabilidade de ação e com disponibilidades para criar de forma não-diretiva. Ou seja, o professor deve saber conduzir o processo e interferir o mínimo possível.

Assim, o aluno torna-se um ser capaz de fazer as próprias escolhas. Cabe ao professor mediar este processo permeado de afetividade, pois esta é determinante para a empatia, o envolvimento, o respeito e o equilíbrio na consolidação da aprendizagem. Desta forma, ao saber conduzir estas etapas, o professor propiciará aos estudantes a oportunidade de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e se conhecer.

Enfim, ao se constituírem sujeitos de vontade e direito, estes se constituem em sua concretude: seres autônomos, pois, conforme frase atribuída a Freire: “sem um senso de identidade, não pode haver luta real”.

3.2 - CONHECER-SE: BASE PARA A APRENDIZAGEM

O autoconhecimento fortalece a autoestima, ou seja, esta é reflexo da visão e/ou opinião que o indivíduo tem de si mesmo, enfim esta reflete no amor-próprio de cada um – base da vida humana.

Segundo Baldissera,

autoestima refere-se à confiança básica que cada um tem (ou não) em si. Relaciona-se à própria crença na capacidade de pensar, de confiar em sua habilidade em dar conta daquilo que a vida apresenta em suas exigências básicas. [...] É ter a convicção de possuir um valor pessoal que dá condições de atingir suas metas, fazer suas escolhas e em suas relações com os outros poderem crer que há pessoas que gostam de si por aquilo que ela é. A autoestima está ligada mais a um fator interno (pessoal) do que a fatores externos do meio ambiente em que se vive. Este é um resultado de um processo de construção pessoal que pode ter sua origem já na infância [...]. (2010, p.79-80).

Visto sob esse ângulo, pessoas com elevada autoestima acreditam na sua capacidade de vencer obstáculos, mesmo frente à derrota, elas encontram energia para se levantar. Observa-se que um “não” dito a uma pessoa que sabe o que quer da vida, a estimulará na busca por seus objetivos, pois ela sabe onde quer chegar. Ou seja, com determinação e perseverança cada pessoa alcançará o seu porto seguro, conforme o planejado.

Nessa busca, a autoestima influencia no processo de ensino-aprendizagem escolar, o qual envolve aspectos cognitivos, afetivos e sociais, constituindo-se de uma dinâmica

gradativa com formas diferentes, que vão desde a ênfase no papel do professor como transmissor do conhecimento, até as concepções atuais que o concebem como um todo integrado, destacando o papel do educando.

Visto sob esta ótica de um ser constituído de autonomia e vontade, a educação humanizada se apresenta como fio condutor do processo de aprendizagem a partir da relação professor-aluno.

3.3 -VISÃO DE COMPLETUDE: EDUCAÇÃO HUMANIZADA

As relações humanas são naturalmente difíceis, pois cada ser é único com suas qualidades e defeitos, enfim cada um com suas peculiaridades próprias. Segundo Vygotsky, o meio do qual faz parte influencia o homem e ao absorver a cultura desse ambiente, esse sujeito, de algum modo, formará e conduzirá à transformação desse meio.

Ao se considerar o papel do professor, deve-se pensar nas estratégias utilizadas no decorrer do processo e acima de tudo, primeiramente, conhecer e saber, de fato, quem é cada um dos alunos, sua história de vida, suas expectativas e seu projeto de vida, que busca realizar a partir da escola. Assim, ao se inteirar sobre suas dificuldades e suas potencialidades, o docente, a partir de sua prática pedagógica, terá variados e diferentes sujeitos/aprendizes e também ensinantes, por isso, enquanto ser altruísta, o professor se preocupa sobremaneira com as condições emocionais e cognitivas do seu aluno.

Segundo Simka (2010, p.7-8), todo professor deveria, ao menos, experimentar o tratamento humano para verificar, facilmente, que os alunos reagem de modo sempre positivo. Relacionar-se com o aluno de centelha humana para centelha humana é o melhor que se pode fazer em termos de relação entre professor e aluno. E, considerando também, que é uma relação de diversas e diferentes facetas, pois envolve múltiplos indivíduos e cada um com seus sonhos, de certo modo, compartilhados.

De acordo com Aloni, professor de Filosofia da Educação no Hakibbutzim College of Education e no Beit Berl College of Education em Israel, [s.d]:

[...] os educadores humanistas contemporâneos compartilham o compromisso de humanizar seus alunos num espírito de liberdade intelectual, autonomia moral e democracia pluralista. Eles se empenham em proporcionar o tipo de educação que, por um lado, libere seus alunos dos grilhões da ignorância, capricho, preconceito, alienação e falsa consciência, e, por outro, os habilite a atualizar suas potencialidades humanas e levar vidas humanas autônomas, plenas e gratificantes (ALONI, [s.d]).

Associando-se a esta consideração, o artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) diz que

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996)

Dessa forma, ao acolher o aluno com empatia, a escola, na figura do professor, assume a responsabilidade de cuidar para que as necessidades pessoais e intelectuais de cada estudante sejam atendidas por completo, visto que a escola é um espaço propício para a formação do ser humano na sua convivência familiar, social e cultural, nos termos de Menezes (2000, p. 13), “a boa educação é aquela que promove gostosamente a diferença humana, preparando para a vida”.

4 - METODOLOGIA

Esse TCC foi realizado a partir de levantamento bibliográfico tomando por base referenciais teóricos do Curso de Pedagogia publicados em artigos, livros, dissertações, teses entre outras publicações da internet.

Para a pesquisa, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: afetividade, empatia, autoestima, educação infantil e aprendizagem. Os critérios utilizados para seleção dos artigos foram, por conseguinte, referentes ao tema relacionado à afetividade na formação da autoestima da criança na educação infantil e/ou canal de empatia na relação professor-aluno e também naquela entre aluno-aluno.

Ao buscar a análise histórica da relação professor-aluno, através de leituras e do levantamento das publicações para a pesquisa, percebeu-se que são vários os trabalhos publicados que envolvem autoestima, afetividade, empatia associados à relação professor-aluno no ambiente escolar. Os temas abordados nessas publicações relacionam-se à autoestima, afetividade associada à emoção, o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio, leitura de psicologias para formação de professores e a importância do limite na educação infantil.

Observa-se que os assuntos das publicações citadas descrevem a respeito da relação afetiva no comprometimento da formação da autoestima e, conseqüentemente, o

desempenho do aluno no processo de ensino-aprendizagem a partir da escuta e conhecimento da história de cada criança (sujeito/aprendiz).

Esta pesquisa bibliográfica objetivou nortear o trabalho a ser desenvolvido de forma a dar luz à discussão sobre a importância do acolhimento com afeto, empatia, respeito e atenção às diferenças, ratificando a hipótese aqui trabalhada de realização da atividade docente com humanismo.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, ao tomar o homem como protagonista de sua própria história, surge a educação como uma ação humana necessária à espécie, a qual tem estreitado a relação de afetividade cada vez mais entre os sujeitos do processo de aprendizagem. A partir da relação professor-aluno, cria-se um elo afetivo de estímulo ao desenvolvimento e protagonismo de cada estudante, resultado de uma relação simbiótica de afinidades norteadoras do caminhar e escolhas desses aprendizes.

Conforme descrito neste TCC, pode-se constatar que a afetividade na relação professor-aluno é imprescindível para o desempenho educacional. A partir da elaboração de um memorial e de uma pesquisa bibliográfica corroborou-se a importância e influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Cada estudante desde a mais tenra idade tem alguma coisa a contar de si, e quanto isto marcou a sua vida, daí a importância da empatia, acolhimento, confiança e respeito nesta interação.

Assim, pode-se observar que o memorial é marcadamente repleto de traços de afetividade na relação professor-aluno, com nuances significativas e determinantes para o desenvolvimento da autonomia e identidade de cada sujeito, em especial, como foi para cada um de nós no decorrer de nossa trajetória escolar.

No decorrer do desenvolvimento de cada sujeito, identificam-se diversas dimensões dos aspectos afetivos, o que extrapola o simples contato físico e adentra o emocional e o cognitivo, consequência da interação dos sujeitos na dinâmica de ensino-aprendizagem compartilhada.

Desta forma, é possível perceber que na relação professor-aluno, a afetividade entre os estudantes se apresenta de modo visível, como um fator motivador no processo de ensino-

aprendizagem, dado a resposta positiva dos sujeitos, o que é demonstrando a partir da interação, tranquilidade e prazer com o que se comprometeram a fazer.

Assim, ao compartilharem memórias, percebe-se que essa relação carregada de afetividade tem sido primordial para a humanização da educação, efetivando esse encontro de identidade ao se projetar e se ver no outro.

Enfim, o educador, ao buscar se inteirar e conhecer cada criança, a partir de suas fragilidades, entre outras coisas, está exercitando e praticando a educação pé no chão, ou seja, está reconhecendo e acolhendo cada um desses sujeitos em suas singularidades, parafraseando Freire. Porque a escola não é feita primeiro de conteúdo, mas de relações humanas.

Assim, na escola através da relação professor-aluno com a interação social de diferentes pessoas, interação carregada de afetividade como parte do processo, praticando e adquirindo novos saberes de forma compartilhada com atenção às expectativas e necessidades de toda a comunidade, a aprendizagem acontece num *continuum* de interação. Ou seja, uma educação humanizada que acontece em ambientes múltiplos e diversos, frente a situações de superações e conquistas, seja pessoal e/ou coletivas que fortalecem o grupo, deixando-o pronto para novos desafios.

6 - REFERÊNCIAS

ALONI, N.. **Educação Humanista**. In: Hakibbutzim College of Education. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjgupmj8f_zAhW5K7kGHa_sA2gQFnoECAMQAQ&url=http%3A%2F%2Fwww2.unifap.br%2Fborges%2Ffiles%2F2011%2F02%2FEduca%25C3%25A7%25C3%25A3o-Human%25C3%25ADstica.pdf&usg=AOvVaw14lMp7B_EF-YJgesFwFJwl>. Acesso em: 10 out. 2021.

BALDISSERA, D. P. **Navegando em reflexões sobre a vida**. 1. Ed. São Paulo: Brasil, 2010.

BRASIL. **Lei n 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília: Gráfica do Senado, ano CXXXIV, no. 248, 23/12/96, pp. 27833-27841.

BROLEZZI, A. C. Empatia na relação aluno/professor/conhecimento. **ENCONTRO: REVISTA DE PSICOLOGIA** Vol. 17, N°. 27, 2014. Disponível em: <<https://www.ime.usp.br/~brolezzi/publicacoes/empatia.pdf>> Acesso em: 06 de setembro, 2021.

FERNANDEZ, A. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamentos.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra. 15^a. ed. 2000.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2010.

GÓMEZ, A. I. P. A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula. In: SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino.** 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LEITE, S. A. da S. Afetividade nas práticas pedagógicas. Temas psicol. vol.20 no.2 Ribeirão Preto dez. 2012. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjF-YKc8v_zAhVelbkGHcq-B1YQFnoECAMQAAQ&url=http%3A%2F%2Fpepsic.bvsalud.org%2Fpdf%2Ftp%2Fv20n2%2Fv20n2a06.pdf&usg=AOvVaw0JhuMvs60HFMvJY_agpj2l> Acesso em 06 de setembro, 2021.

LEITE, S. A. da S. e TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula: As condições de ensino e a mediação do professor.** Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>> Acesso em: 06 de setembro, 2021.

ROGERS, C. R. **Liberdade para aprender.** Trad. Edgard de Godói da Mata Machado e Márcio Paulo de Andrade. 2^a ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1983.

SILVA, O. G. e NAVARRO, E. C. A Relação Professor-Aluno no Processo Ensino-Aprendizagem. 2012. **Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar** (2012) n.º8 Vol – 3 p. 95 55 -100. ISSN 1984-431X. Disponível em: <<http://revista.univar.edu.br>>. Acesso: 10 Abril. 2017.

SIMKA, S. e MENEGHETTI, Í. **A relação entre professor e aluno: um olhar interdisciplinar sobre o conteúdo e a dimensão humana.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

VIGOTSKII, L. S; LURIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Icone, 1998.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** 2^a Tradução ed. Lisboa: Edições 70, 1995.